

# Literatura Brasileira Contemporânea

Brasília, 20 de abril de 1998 - ano II, nº 17.

boletim

## El ingenioso hidalgo de Birobidjan

Ricardo Araújo

Moacyr Scliar - *O exército de um homem só*. 8ª ed. Porto Alegre, L&PM, 1997. (1ª ed., 1973.)

Passados mais de 20 anos de sua publicação, *O exército de um homem só* permanece um livro atual. Moacyr Scliar consegue unir memória e história, fantástico e crônicas reais com uma facilidade impressionante. O livro é a narração das aventuras e desventuras do Capitão Birobidjan, na verdade (?), Mayer Guinzburg. Ou melhor: um homenzinho que vê outros homenzinhos. Mayer Guinzburg é uma mistura de visionário, empreendedor e herói de causas perdidas.

A alcunha de Capitão Birobidjan saiu do nome de uma colônia, na Sibéria Oriental. Em 1928 o governo soviético tentou implantar uma região judaica autônoma. A iniciativa, como aliás todas as propostas da burocracia soviética, fracassou e alguns judeus foram para outras regiões. A família de Mayer Guinzburg veio para o Brasil, Porto Alegre, bairro do Bom Fim. Fizeram como tantos outros povos, ouviram a sentença de Vladimir Maiakóvski: "Prezados senhores!/Dizem/que em alguma parte – parece que no Brasil – existe um homem feliz!"

O bairro do Bom Fim aparece já no primeiro romance de Moacyr Scliar (*A guerra no Bom Fim*, 1972) e reaparece em outras narrativas. Neste bairro nasceu Moacyr Jaime Scliar (23-3-37). Scliar em 1962 termina seu curso de medicina e inicia suas atividades clínicas em uma casa de judeus idosos. Neste lugar e nas calçadas dos bairros, Scliar colherá muitos relatos judaicos.

E assim é composto *O exército de um homem só*: reminiscências, relatos perdidos, histórias desconexas que se complementam na escritura de Birobidjan, fantástico e crônicas reais. Todas estas dualidades, estas dicotomias se aglutinam compondo, em uma pirueta, em um exercício de *coincidentia oppositorum* um relato quixotesco em alto grau. Quixotesco. Heine escreveu certa vez que não entendia porque os leitores de *Dom Quixote* só chamavam a atenção para o humor e as palhaçadas do herói de La Mancha. Segundo Heine a leitura da obra de Cervantes deveria causar lágrimas. Para o poeta alemão o caráter trágico de D. Quixote devia induzir o homem ao lamento e foi este sentimento que ele sentiu ao ler o grande livro de Cervantes. Quando chegou ao fim da leitura, Heine declarou que se pôs a chorar e a refletir sobre o destino do cavaleiro da triste figura.

Quando li o *Quixote* dei razão a Heine. E experimentei o mesmo sentimento também na leitura de *O exército de um homem só*. E parece que a sentença, o destino de Mayer Guinzburg, como D. Quixote que sente a presença da morte ao retornar para casa, paira, como uma moira em cima de sua cabeça. Seu pai, que até ao Dr. Freud foi pedir ajuda no interessante diálogo no aeroporto de Porto Alegre, presencia o destino quixotesco de Guinzburg quando, em um diálogo com o filho, lança o seguinte prognóstico: "Na *Mishná* está escrito que há quatro tipos de homens: o *vulgar* diz: 'O que é meu é meu; o que é teu é teu; o *perverso* diz: 'O que é meu é meu; e o que é teu também é meu'. Quanto a mim, prefiro as palavras do homem santo, que diz: 'O que é meu é teu; e o que é teu é teu'. Mas tu, meu filho, dizes: 'O que é meu é teu; e o que é teu é meu'. E isto, segundo a *Mishná*, são as palavras do *excêntrico*, do estranho entre os homens. Acho que vais sofrer muito, filho".

Estranho, excêntrico. Mayer Guinzburg, judeu comunista, defensor do Estado Soviético. Idealizador de



Giacometti

(continua)



O EXÉRCITO DE UM HOMEM SÓ

*El ingenioso hidalgo...**(continuação)*

uma sociedade perfeita. Em seus devaneios pode-se vislumbrar George Orwell, Skinner, utopias (Campanella, Thomas More) e tantas outras coisas belas. Belas como o perfeito e indefectível marxista que, intelectualmente, declara-se a favor do "meu é teu e o teu é meu". Belas palavras que não resistem a um pequeno momento da mesquinhez humana, mesmo que seja em nome da revolução (Stálin, por exemplo). Como n'*A revolução dos bichos*, de Orwell, no livro de Scliar ocorre um paradoxo: estamos sós e mesmo assim formamos um exército. Excêntrico. Estranho. Deixamos a humanidade e procuramos nossos camaradas na zootecnia: companheiro porco e companheira cabra. Rosa de Luxemburgo serve apenas para acóbertar outros nomes. Estamos no campo da individualidade. Quem foi marxista e teve que passar pela doutrinação de um Mayer Guinzburg sabe muito bem o que o pai Guinzburg está falando ao filho. É a mesma orientação que Hamlet pai faz para o filho. A vida é mesmo uma festa, mas nem todos estão convidados.

Ricardo Araújo é professor de Teoria Literária da Universidade de Brasília.

**Trecho do livro**

A Companheira Galinha... A Companheira Galinha era causa de muitos desgostos para Birobidjan. Era nervosa, sensibilizava-se por qualquer coisa e cacarejava sem parar - improduttivamente, pois não punha ovos. Era um peso morto. Quando ela estava de costas, Birobidjan olhava-a com rancor; pela frente, contudo, procurava tratá-la bem e até lhe sorria. Isto era duplamente difícil; com o passar dos dias, Birobidjan, que se alimentava frugalmente, sentia falta de carne. Não pensava em atentar contra a útil Companheira Cabra nem contra o amável Companheiro Porco; mas tinha de se conter para não torcer o pescoço da Companheira Galinha. Em certos sonhos via a Companheira Galinha como um animal descomunal, capaz de fornecer toneladas de peito e coxinhas; corria atrás dela lançando gritos atávicos. Despertava destes sonhos envergonhado e pronto a fazer a autocrítica: "Reconheço, Companheira Galinha, que me deixei dominar por idéias retrógradas e já superadas..." Tentava convencer-se de que a alimentação vegetariana era progressista, a carnívora, retrógrada; embora não estivesse bem certo disto.

# Só Lâmina

Revista de Literatura Brasileira Contemporânea

*Revista de literatura brasileira contemporânea editada na UnB*

Só Lâmina - Revista de Literatura Brasileira Contemporânea surge para estimular a discussão sobre essa literatura, pensando-a de forma múltipla, interdisciplinar e crítica, envolvendo os aspectos da produção, da edição/distribuição e da recepção. Fruto do GT e deste Boletim, será editada pelo Instituto de Letras da Universidade de Brasília.

Esse espaço torna-se ainda mais necessário no momento em que o jornalismo cultural se demite de suas funções críticas e a pesquisa acadêmica, que sofre de um isolamento crônico em relação ao público não-universitário, concentra-se nos autores considerados canônicos.

Só Lâmina editará textos relacionados à literatura brasileira das últimas décadas, em todas as suas formas de expressão e enfoques - inclusive em perspectiva comparada. Abrirá espaços para o ensaio, a resenha, a entrevista, o depoimento, a tradução e, também, para inéditos de prosadores, poetas e dramaturgos contemporâneos.

O primeiro número está previsto para circular no início do segundo semestre de 1998. As normas para apresentação de colaborações estão disponíveis na internet, no endereço deste Boletim: <<http://www.unb.br/tel/boletim.htm>>.

Sexta, dia 24 de abril

# A barca dos homens

**de Autran Dourado**

O romance do escritor mineiro é o tema da próxima reunião GT. Na próxima sexta, dia 24 de abril, às 16 hs., na sala B1-251.

Leitura complementar sugerida:  
*O som e a fúria*, de William Faulkner

Literatura Brasileira Contemporânea/Boletim é um informe quinzenal do GT Literatura Brasileira Contemporânea da Universidade de Brasília. Correspondência para: GT Literatura Brasileira Contemporânea, A/C Profª Regina Dalcastagnè, Departamento de Teoria Literária e Literaturas, Universidade de Brasília, CEP 70910-900 - Brasília - DF; e-mail: [rdal@guarany.cpd.unb.br](mailto:rdal@guarany.cpd.unb.br)  
Literatura Brasileira Contemporânea/Boletim na internet: <http://www.unb.br/tel/boletim.htm>